

MEDIAÇÃO DE LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS FINAIS

Cássia Eufrásia da Silva Costa ¹

Dayne Kelly Rodrigues Soares de Almeida²

RESUMO

O presente relato de experiência tem o objetivo de apresentar o desenvolvimento do aluno e sua interação na sala de aula comum na disciplina de Língua Portuguesa. Identificou-se que o aluno apresentava grandes barreiras para participar de atividades de leitura. Diante do surgimento da resistência do aluno em não querer participar das aulas de leitura do livro “as mulheres de Tróia”, diante do desafio, utilizou-se o método de expressão da arte a partir do desenho. O conhecimento das potencialidades do aluno, permitiu que a professora tivesse um olhar de empatia e sensibilidade para incluir e manter o aluno em suas aulas participando do conteúdo abordado. Professor e assistente de inclusão utilizaram-se da mediação da leitura proposta pelo autor Novais (2023), com o olhar humano a fim de incluir o aluno na interpretação de texto a partir de desenhos. Adams; Manica (2021), abordam contribuições da psicologia histórico-cultural quando reitera que todos podem encontrar, em caso de deficiência, meios de desenvolver o talento cultural, isto é, a capacidade de empregar de modo mais eficaz possível as funções que estão íntegras, todos podem aprender e, por isso, desenvolver-se. Conclui-se que a disponibilidade da professora da Sala Comum-PSC em permitir conhecer o aluno, e ter uma escuta ativa de suas criações de desenhos em sala de aula, permitiu o entrelaçamento de confiança entre professor e aluno e possibilitou o protagonismo do aluno na criação de desenhos e construção da história com bonecos de papel.

Palavras-chave: Leitura, Mediação, Transtorno do Espectro Autista, Aprendizagem.

¹Mestre pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF) pelo Instituto Federal do Ceará – IFCE, cassiaazul2@gmail.com

² Mestre em Lingüística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará -UECE, daynekellyalmeida@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública do município de Fortaleza, durante o ano letivo de 2024, com foco na participação e mediação docente junto a um aluno diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível de suporte 1³, matriculado no 7º ano do Ensino Fundamental no turno da manhã.

O estudante apresentou dificuldades de socialização, comunicação oral, permanência em sala de aula e não aceitava realizar leitura, mas também demonstrava habilidades expressivas em desenho e construção de objetos. O estudo surgiu da necessidade de repensar as práticas pedagógicas de leitura para promover a inclusão efetiva desse aluno no projeto institucional “Dia D da Leitura”, cujo tema foi “*A importância dos mitos para a formação leitora dos alunos*”.

A proposta consistiu em adaptar a sequência básica de leitura literária de Cosson (2019), articulando-a ao potencial artístico do aluno, de modo que sua produção visual se tornasse meio de interpretação e comunicação do texto literário.

A justificativa emerge da experiência docente ao identificar que metodologias tradicionais nem sempre se mostram eficazes diante da diversidade dos sujeitos. No caso em questão, a resistência do aluno à leitura tradicional evidenciou a necessidade de um olhar sensível e mediador capaz de reconhecer e valorizar suas habilidades, tornando-as instrumentos de aprendizagem e inclusão.

Assim, o artigo aborda o relato de experiência, em que se justifica por promover uma reflexão sobre o papel da mediação humana e da formação docente para a inclusão, mostrando que a adaptação criativa de práticas pedagógicas pode ser o caminho para o envolvimento e desenvolvimento de alunos com TEA.

Objetivou-se analisar como a mediação docente e o reconhecimento das potencialidades individuais podem favorecer a participação e o desenvolvimento de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas atividades de leitura literária em turmas do Ensino Fundamental.

³ Nível 1: exigindo apoio, nível 2: exigindo apoio substancial, nível 3: exigindo apoio muito substancial. No nível 1, na comunicação social, quando não há o apoio há déficits na comunicação social que causam prejuízos notáveis, ocorrendo dificuldades de iniciar interação. Tendo o comportamento restritos e repetitivos, ocorrendo inflexibilidade de trocar de atividades. Problemas para organização e planejamento são obstáculos a independência. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicousp/os-limites-do-meu-conhecimento-sao-os-limites-do-meu-mundo/>



Tem-se como objetivos específicos:

- I. Identificar as dificuldades e potencialidades do aluno com TEA no contexto de leitura literária.
- II. Compreender o papel da mediação humana na promoção da inclusão e no engajamento do aluno nas atividades propostas.
- III. Descrever as estratégias pedagógicas que possibilitaram a participação ativa do aluno nas aulas.
- IV. Refletir sobre as implicações dessa experiência para a formação docente e para o aprimoramento de práticas de escuta ativas e inclusivas.

A coleta de dados se deu por meio de registros escritos, fotográficos e diálogos entre professora de sala comum e sala de AEE, observações pela assistente de inclusão, diário de campo e análise das produções de desenhos e narrativas sobre o desenvolvimento do aluno, permitindo compreender a evolução de sua participação e das estratégias docentes implementadas.

Conclui-se que a experiência demonstra que não basta dispor de recursos materiais ou metodologias estruturadas; é preciso que o professor desenvolva sensibilidade pedagógica, parcerias para inclusão, escuta ativa e capacidade de reconhecer as potencialidades individuais dos alunos, o recurso técnico foi algo barato que se encontra na escola “papel e lápis”.

METODOLOGIA

Ao longo de 08 (oito) encontros para a realização da leitura literária do livro, inspiramo-nos metodologicamente na sequência básica proposta por Cosson (2019), nos quais o aluno foi acompanhado pela professora da sala comum, pela assistente de inclusão que teve grande importância na escuta ativa e compreensão da necessidade do aluno em sala comum.

Contemplou quatro etapas a saber: motivação, introdução, leitura e interpretação. A realização da sequência básica, geralmente, oportuniza o envolvimento favorável do grupo de leitores para a experiência com o texto literário, porém, com o público bastante heterogêneo das turmas de Anos Finais da rede municipal de Fortaleza, aplicar boas metodologias nem sempre será garantia de sucesso para as propostas pedagógicas implementadas nas salas de aula.



REFERENCIAL TEÓRICO

A turma do 7º ano B manhã acolheu com bastante entusiasmo as atividades propostas durante a interação, mas o aluno com autismo participante da pesquisa incomodava-se nos dias de leitura do livro paradidático: recusava-se a permanecer em sala de aula e solicitava sempre à agente de inclusão que o levasse para a Sala de Recursos Multifuncionais.

Conforme o documento curricular de Referencial de Fortaleza, o autismo, ou seja, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades (NASCIMENTO, 2024).

Definição do Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), 2014. O DSM-V e o CID 11 (Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde) definem quanto ao nível de suporte/apoio necessário para execução de ações pertinentes no que tange aos aspectos da interação/comunicação social, comportamento restritivo/repetitivo relacionado ao critério diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. Sendo dividido em: Nível 1 de suporte, Nível 2 de suporte e nível 3 de suporte (NASCIMENTO, 2024, p.70).

A assistente de inclusão percebeu, com o apoio da professora lotada na SRM, que por não gostar do tema trabalhado no livro, o aluno não se sentia à vontade em permanecer no ambiente de sala de aula interagindo com os demais colegas da turma.

A partir dessa constatação e com um olhar acolhedor e humano passamos a buscar estratégias pedagógicas que pudessem incentivar o aluno em questão a se sentir pertencente daquele grupo de leitores.

Esse olhar sensível do professor mediador é importante para que ele possa compreender o porquê determinadas metodologias testadas e aprovadas em pesquisas acadêmicas não funcionam em suas realidades de sala de aula. Compreendemos como mediação o conceito apresentado por Novais (2023), “a atividade ou elemento que promova a construção de um propósito de leitura e/ou que estabeleça, as condições



apropriadas para seu desenvolvimento, a fim de tornar o texto interessante para o leitor” (NOVAIS, 2023, p. 54)

O autor classifica três tipos de mediação: institucional, material e humana. A mediação institucional envolve a diversidade de instituições, políticas públicas e ações envolvidas para “o estabelecimento das circunstâncias favoráveis para a leitura”. A mediação material diz respeito aos espaços destinados à leitura que, no nosso caso, seriam as bibliotecas escolares e as salas de aula.

Por fim, o autor apresenta a mediação humana que, como o próprio nome diz, aponta para a ação humana no conjunto complexo de ensinar a ler. É considerado um mediador de leitura, “Todo aquele que, direta ou indiretamente, com ou sem intenção pedagógica explícita, atua no sentido pessoal ou comunitário para o uso e apropriação de textos em sua diversidade de gêneros e suportes, lugares e funções exerce, de certa forma, um papel de mediador da leitura” (NOVAIS, 2023, p. 55)

No nosso caso, dispúnhamos das mediações institucional e material, mas necessitamos da mediação humana para incluir o aluno no grupo de leitores da sala de aula, ou seja, dispor de um ambiente adequado, oportunizar o contato do leitor com o texto e utilizar uma metodologia adequada não foram fatores suficientes para o envolvimento do aluno nas atividades do grupo, fazendo-se necessário o olhar atento do professor mediador (NOVAIS, 2023).

Aparamo-nos, assim, no gosto do aluno em desenhar para que sua participação se efetivasse junto ao grupo, ficando sob sua responsabilidade o desenho de monumentos que estavam presentes no texto, exemplo de castelos e muralhas.

O conhecimento das potencialidades do aluno, permitiu que a professora tivesse um olhar de empatia e sensibilidade para incluir e manter o aluno em suas aulas participando do conteúdo abordado. A disponibilidade da professora da Sala Comum - PSC em permitir conhecer o aluno, e ter uma escuta ativa de suas criações de desenhos em sala de aula, permitiu o entrelaçamento de confiança entre professor e aluno.

As propostas de sala de aula de leitura e escrita, que pareciam impossíveis de serem realizadas e avaliadas pela docente, deu-se oportunidade para outras formas de abordar a realidade do contexto proposto na aula. Um dos primeiros desafios foi a leitura e interpretação de capítulos deste livro.



Com a parceria da assistente de inclusão e o olhar de possibilidades na aula, o aluno não conseguia interpretar de forma oral o que compreendeu. Mas, conseguiu desenhar a estrutura de castelos que faziam parte da história vivenciada em sala.

Diante deste resultado o aluno começou a ter oportunidade de desenhar a sua arte nas aulas de Língua Portuguesa. E mais uma vez constatamos pelo autor Novais (2023) a importância da mediação humana, “A natureza humana da mediação é sua condição mais reconhecida, com destaque, no ambiente escolar, para a atuação dos professores, coordenadores pedagógicos e profissionais de biblioteca”. (NOVAIS, 2023, p. 55).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trago a definição da deficiência do modelo social, pelos autores Mantoan e Lanuti(2022), que reiteram que a deficiência, por um modelo social, faz-nos entender que, se a deficiência resulta da interação entre pessoa e as barreiras encontradas no meio, só pode haver uma escola inclusiva se essas barreiras forem eliminadas (MANTOAN; LANUTI, 2022).

O aluno com deficiência, quando chega aos anos finais do ensino fundamental, encontra barreiras quanto ao conteúdo das disciplinas, às vezes, resultando em baixo relacionamento com o professor. Ainda, encontra barreiras na comunicação com seus pares, por não conseguir se integrar aos grupos e ter conversas compatíveis com sua idade cronológica. O seu comportamento em sala de aula, algumas vezes é de tristeza e apatia, buscando sair com frequência do espaço de sala, o que ocorre como uma forma de fuga quando o aluno não se sente parte da turma.

Assim, o professor tem o papel de mediar não só o processo de ensino-aprendizagem do aluno a partir de sua potencialidade, mas também de criar possibilidades de interação entre os colegas. Nessa discussão, Vygotsky destaca a ideia de que a atividade mediada muda, fundamentalmente, as operações psicológicas. O uso de instrumentos amplia, de modo ilimitado, a gama de atividades nas quais as novas funções psicológicas podem operar. (VYGOTSKY, 1988 apud NETO, 2018, p. 41).

Vygotsky, na perspectiva da teoria da psicologia histórico-cultural, traz a discussão sobre o desenvolvimento e a aprendizagem humana, mostrando que o homem não é, apenas, um ser biológico. As etapas do desenvolvimento humano não ocorrem, somente, em função da formação biológica, mas, essencialmente, dos aspectos históricos-sociais, as quais emergem das relações do sujeito, constituindo-o e definindo-o como humano (OLIVEIRA; BUENO, 2021).

No campo da Educação Especial, Vygotsky desenvolveu a Defectologia, uma área de estudos teóricos e de intervenções práticas para o estudo das pessoas com deficiência, ou como citado em seus trabalhos, relaciona-se com o desenvolvimento da pessoa “anormal”. Nesse sentido, é revolucionário, ao mostrar que o desenvolvimento, por meio das relações sociais, pode se



sobressair aos defeitos orgânicos. E, assim, defende que as formas de compensação ao defeito podem ser engendradas pelo contexto social, teoria que dá sustentação aos propósitos da Educação Inclusiva atual (OLIVEIRA; BUENO, 2021, p.17).

Ainda, os autores Oliveira e Bueno reiteram as formas de compensação para essa aprendizagem:

Vygotsky ao discorrer sobre a defectologia e o desenvolvimento da criança “anormal”, que é a criança com deficiência, afirma que os “caminhos indiretos do desenvolvimento são possibilitados pela cultura quando o caminho direto está impedido” e, nesse sentido, o desenvolvimento cultural seria o principal espaço em que se torna possível compensar a deficiência. Os caminhos indiretos são adquiridos pela humanidade no desenvolvimento histórico-cultural, sendo que é o meio social que proporciona esses caminhos, enquanto o caminho direto corresponde ao caminho orgânico, às respostas naturais do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2011, p.861 *apud* OLIVEIRA; BUENO, 2021, p.19).

Desta forma, faz-se necessário, na escola, que o professor da sala comum possa contribuir no desenvolvimento do aluno, criando possibilidades de este participar da aula, dialogando com os colegas, realizando atividades em grupo e tirando dúvidas de atividades, problemas e desafios que correspondem ao seu nível cognitivo de aprendizagem. A presença da assistente de inclusão, profissional que é atualmente existe na escola pela política do município

Participação das atividades de leitura e compreensão a partir de seus desenhos. Construção do castelo de Troia com o intuito da representação do capítulo. Dar mais tempo ao aluno compreender e assimilar as atividades propostas.

Permitir o conhecimento da dificuldade do aluno para toda turma, tornando todos informados das possibilidades de aprendizagem que o aluno estava tendo dentro da sala de aula, não só do conteúdo de leitura, mas aprendendo a ter uma comunicação com colegas próximos a sua cadeira, e permitindo também aumentar o vocabulário do aluno.

Proporcionar o aluno a ter o conhecimento de seus sentimentos e expressar e comunicar a professora.

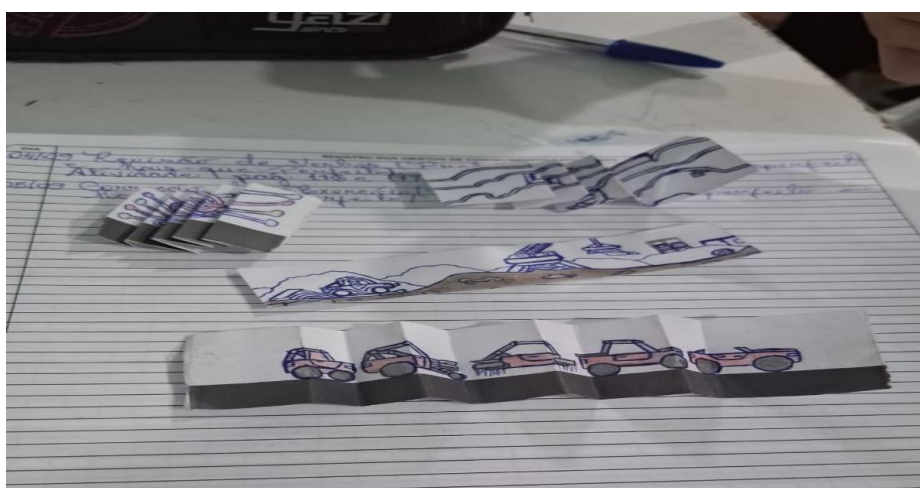
Permitir o aluno ser protagonista na sala de aula, apresentando suas criações e contando suas histórias de passo a passo de seus carros, criando personagens de histórias com coerência de início, meio e fim. Realizar a escrita de manuais de forma ilustrativa.

Na imagem 1 abaixo, temos o registro fotográfico do momento da ação de leitura. E na imagem 2, uma atividade paralela que o aluno gostava de realizar em sala, construção de carrinhos em desenhos.





Registro do acervo da professora de português



Registro do acervo da professora de português – construção de desenhos com história coerente do início, meio e fim da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato buscou apresentar atividades realizadas no primeiro semestre do ano letivo de 2024. Atividades que permitiram o aluno a desenvolver suas potencialidades na disciplina de Língua Portuguesa, construindo personagens, histórias e manuais. E culminando com apresentação de suas criações de papel e lego na quadra da escola.

A partir desta atividade o aluno apresentou-se mais confiante para interação com os professores.

A experiência revelou que a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer sensibilidade pedagógica, mediação humana e reconhecimento das



potencialidades individuais. Ao valorizar o desenho como forma de expressão, o professor promoveu o engajamento e o pertencimento do aluno nas atividades de leitura.

Constatou-se que a inclusão efetiva vai além do uso de metodologias ou recursos materiais, exigindo escuta ativa e criatividade docente. A mediação, conforme Vygotsky, possibilita caminhos indiretos para o desenvolvimento e aprendizagem. Assim, o estudo reafirma que a prática inclusiva depende do olhar humanizado do professor, da articulação entre os profissionais e da valorização das múltiplas formas de aprender e comunicar.

Conclui-se que a disponibilidade da professora da Sala Comum-PSC em permitir conhecer o aluno, e ter uma escuta ativa de suas criações de desenhos em sala de aula, permitiu o entrelaçamento de confiança entre professor e aluno e possibilitou o protagonismo do aluno na criação de desenhos e construção da história com bonecos de papel.

REFERÊNCIAS

ADAMS, F. W.; MANICA, A. P. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA O ENSINO DOS ALUNOS Público-alvo DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: EM FOCO A DEFECTOLOGIA. **RELPE: Revista Leituras em Pedagogia e Educação**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 122–140, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/relpe/article/view/13611>. Acesso em: 28 out. 2025.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

NEIVA, Lia. **As mulheres da casa de Troia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edipass, 2012.

NOVAIS, Carlos Augusto. Mediação da leitura na perspectiva do letramento literário. In: BELMIRO, Célia Abigail e MARTINS, Aracy Alves. **Mediações de leitura literária**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; BUENO, Olga Mara. Deficiência intelectual sob a perspectiva histórico-cultural: algumas considerações. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 11, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/8851>. Acesso em: 11 jun. 2025.

NETO. H. B. **Sequência fedathi: fundamentos**. v.3-Curitiba: CRV, 2018.132 p.

NASCIMENTO, Celina Henriqueta Matos de Heredia (Org.). **Documento Curricular Referencial de Fortaleza: incluir, educar e transformar**. v.7. Modalidades: Educação Especial Inclusiva e Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2024.

